

AQVILA LEGIONIS

Cuadernos de Estudios sobre el Ejército Romano



Esta imagen
tiene Copyright

14
2011

AQVILA LEGIONIS

Cuadernos de Estudios sobre el Ejército Romano



CONSEJO DE REDACCIÓN - EDITORIAL COMMITTEE - CONSEIL DE LECTURE

En orden alfabético - In alphabetical order - Par ordre alphabétique

Prof. Dr. Gonzalo BRAVO (Universidad Complutense de Madrid) — Prof. Dr. Antonio CABALLOS (Universidad de Sevilla) — Prof. Dr. François CADIOU (Université Bordeaux - 3; Centre Ausonius) — Prof. Dr. José Joaquín CAEROLS PÉREZ (Universidad Complutense de Madrid) — Prof. Dr. José d'ENCARNAÇÃO (Universidade de Coimbra) — Prof. Dr. Joaquín GÓMEZ-PANTOJA (Universidad de Alcalá) — Prof. Dr. Cristóbal GONZÁLEZ ROMÁN (Universidad de Granada) — Prof. Dr. Raúl GONZÁLEZ SALINERO (Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid) — Prof. Dr. Enrique GOZALBES CRAVIOTO (Universidad de Castilla-La Mancha; Cuenca) — Prof^a. Dr^a. Christine HAMDOUNE (Université de Montpellier) — Prof. Dr. Yann LE BOHEC (Paris, Sorbonne IV) — Prof. Dr. Patrick LE ROUX (Université Paris XIII) — Prof. Dr. Jerzy LINDERSKI (Dept. of Classics, University of North Carolina, Chapel Hill) — Prof. Dr. Julio MANGAS (Universidad Complutense de Madrid) — Prof. Dr. Santiago MONTERO HERRERO (Universidad Complutense de Madrid) — Prof. Dr. Ángel MORILLO (Universidad Complutense de Madrid) — Prof. Dr. Juan José PALAO VICENTE (Universidad de Salamanca) — Prof. Dr. Fernando QUESADA SANZ (Universidad Autónoma de Madrid) — Prof. Dr. José Manuel ROLDÁN (Universidad Complutense de Madrid) — Prof. Dr^a. Círcia RICCI (Università degli Studi del Molise - Italia) — Prof. Dr. Manuel SALINAS DE FRÍAS (Universidad de Salamanca) — Prof. Dr. Narciso SANTOS YANGUAS (Universidad de Oviedo) — Prof. Dr. J. Jacobo STORCH (Universidad Complutense de Madrid).

DIRIGE: Prof. Dr. Sabino PEREA YÉBENES (Universidad de Murcia).



© SIGNIFER LIBROS
Gran Vía, 2-2ºA SALAMANCA 37001
Apdo. 52005 - MADRID (ESPAÑA - SPAIN)
ISSN: 1578-1518
Dep.Legal: BA-360-01 (nºs 1-6) / S-1646-06 (nºs 7 ss.)
mail: sperea@um.es
<http://signiferlibros.com>
<http://aquila-legionis.com>

Madrid (España - Spain - Espagne -Spagna)

Acerca de Vegécio e do seu *Compêndio da Arte Militar**

José d'ENCARNAÇÃO
Universidade de Coimbra

Quando, no final da década de 70, me solicitaram que leccionasse, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a cadeira de *Sociedades, Culturas e Civilizações Clássicas*, optei por falar da História de Roma a partir do seu exército, uma vez que outras temáticas, designadamente sobre a Grécia antiga, estavam a cargo de um especialista na matéria, o Doutor José Ribeiro Ferreira¹.

E porquê o exército?

Não estando muito longe o 25 de Abril,² que eu tivera ensejo de acompanhar bem de perto, mormente devido à minha actividade jornalística, já então me dera conta de que o exército poderia ser como que o espelho das conjunturas, nos seus mais variados aspectos, e a sua estrutura merecia, também por isso, ampla reflexão.

Sempre preconizei que o ensino deve ter estreita ligação à nossa vida concreta e, ao mostrar como a história de Roma poderia ser exemplar em muitos aspectos, tinha a convicção de que facilmente despertaria nos estudantes entusiasmo pelo estudo de algo passado há mais de 2000 anos e que, à primeira vista, poderia não ter qualquer interesse, a não ser para arqueólogos

* Reproduz este texto, nas suas linhas gerais, a apresentação, que fiz, a 16 de Junho de 2009, no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, da obra em apreço. Não quis, porém, deixar de fornecer, agora, nesta versão escrita, algumas notas de rodapé susceptíveis de melhor fazer compreender o que se pretendia dizer. O trabalho insere-se na investigação levada a efeito como membro do grupo *Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages*, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D n° 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

¹ Cito, quase ao acaso, os livros: *Da Atenas do século VII a. C. às Reformas de Sólon*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988; *Participação e Poder na Democracia Grega*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990; *A Democracia na Grécia Antiga*, Coimbra, 1990; *A Grécia Antiga. Sociedade e Política*, Lisboa: Edições 70, 1992.

² Referência à revolução de 25 de Abril de 1974, que, preparada no seio da hierarquia militar descontente com a guerra nas então chamadas províncias ultramarinas portuguesas, levou os militares ao poder político, onde se mantiveram enquanto não houve condições para a sociedade civil o assumir.

(tipo Indiana Jones, claro!...) ou para realizadores de cinema (as grandes produções de Hollywood: *A Túnica*, *Quo Vadis?*, *Ben-Hur*...).

O certo é que, para muitos de nós, portugueses, a Guerra no Ultramar ainda estava, nessa altura, muito bem presente; a acção do Conselho de Revolução como órgão de governo, primeiro, e, depois, como garante dos ideais proclamados em Abril, demonstrava o exercício do poder político pelos militares – e foi, como muitos se lembrarão, saudada como grande passo em frente a eleição do primeiro presidente da República civil³.

A História de Roma era, assim, exemplar. Logo a primitiva divisão da sociedade de acordo com o censo, atribuída ao lendário rei Sêrvio Túlio, tivera finalidades militares, pois determinava quem podia integrar o exército e com que tipo de armamento⁴; mais tarde, já no final da República, a insólita incorporação dos *proletarii*⁵; ao tempo dos Júlios-Cláudios, a clara disputa entre o poder militar e o político em relação à nomeação do imperador⁶, dado que Augusto quisera focar bem o carácter e a génese militarista do seu poder, ao escolher para seu primeiro nome *imperator* (de tão ampla conotação militar...), enquanto de Tibério, o seu sucessor, se louvava depois a *civilitas*⁷, pois não aceitara ser chamado de *imperator* e o seu palácio-refúgio em Capri, apesar de altaneiro sobre agreste encosta a pique, nada tem, na verdade, de fortaleza militar...

Exército era também sinónimo de disciplina e o papel dos *collegia iuvenum*, agremiações de jovens sob a alta protecção de Vénus, divindade imperial, muito se assemelhava ao que se vira na Mocidade Portuguesa, nos *Camicie Nere* de Mussolini ou na Juventude Hitleriana.

Para mim, por conseguinte, a história do exército assumia, em todos os tempos, a característica de verdadeiro espelho das conjunturas – e poderia estudar-se a História no seu conjunto, através da história do exército ou das forças armadas em geral.

³ O Dr. Mário Soares, eleito presidente da República a 10 de Março de 1986, depois de a presidência ter sido sucessivamente ocupada por três generais.

⁴ Vide, por exemplo, entre tanta literatura sobre a presumível reforma levada a cabo por este 'rei': M. PALLOTINO, «Servius Tullius à la lumière des nouvelles découvertes archéologiques et épigraphiques», *Comptes-Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 1977 216-235; R. THOMSEN, *King Servius Tullius: a Historical Synthesis*, Copenhaga, 1980; J.-C. RICHARD, «Recherches sur l'interprétation populaire de la figure du roi Servius Tullius», *Revue de Philologie* 61, 1987, 205-225.

⁵ Creio que ainda continua a ser obra clássica sobre este tema *Esercito e Società nella Tarda Repubblica Romana*, de Emílio GABBA (Florença, 1973).

⁶ Cfr., a título de exemplo, L. LESUISSE, «La nomination de l'empereur et le titre d'*imperator*», *L'Antiquité Classique* 30, 1961, 415-428.

⁷ Cfr. C. GRASSI, «Ambiguità di Tacito nella valutazione di Tiberio», *Athenaeum* 57, 1979, 27-47.



João Gouveia Monteiro desde cedo se interessou também ele pelas artes da guerra, mormente pelos seus testemunhos ao longo dos tempos. E se as investigações sobre o campo de Aljubarrota mais lhe abriram o apetite⁸, não é menos certo que o estudo dos castelos medievais⁹ lhe terá aguçado ainda mais a curiosidade por uma «arte» sempre actual – queiramos ou não (*make love not war*).

Da Idade Média à Antiguidade Tardia e desta aos tempos romanos foi um passo. E daí este livro, que fez o favor de partilhar comigo, à medida que ia surgindo.

Quem o conhece, porém, sabe que não é homem para desistências, para se ficar pela rama e disso é prova cabal o livro que serve de pretexto para este comentário-recensão: a sua tradução, largamente comentada e bem integrada, de colaboração com José Eduardo Braga, *Vegécio – Compêndio da Arte Militar*¹⁰.

Aliás, Vegécio é, sem dúvida, um autor deveras sedutor e só quem ande muito distraído nas leituras sobre a Antiguidade é que se não apercebe de que **todos** o citam! Amiúde, temos de consultar os escritores portugueses de Setecentos e Oitocentos, assim como os Humanistas, por darem conta das inscrições (verdadeiras ou fingidas) de que tinham conhecimento; e não há um que, a dado passo, para confirmar uma opinião, não cite Vegécio. Estou a recordar-me, por exemplo, de Luís Marinho de Azevedo, na sua *Fundação, Antiguidades e Grandezas da Mui Insigne Cidade de Lisboa...* oferecida a el-rei D. José I, em 1753, que inclui Flávio Vegécio no «catálogo dos autores que vão alegados no discurso deste livro».

E o Doutor Gouveia Monteiro procurou, pois, dar exaustiva conta das sucessivas edições e traduções – mais de trezentas e vinte, pasme-se! – que esta obra foi tendo em todas as épocas! Imagina-se um Maquiavel sem ter lido este tratado da arte militar? Ou qualquer um dos *condottieri* das repúblicas italianas de Quinhentos? Não! E ao próprio Infante D. Pedro de Portugal é atribuída uma tradução, sem que se deva esquecer que el-rei D. Duarte, seu irmão, tinha um manuscrito de Vegécio na sua biblioteca!

⁸ Vide o seu livro *Aljubarrota, 1385. A Batalha Real*, Lisboa, Tribuna da História, 2003.

⁹ Vide a sua obra *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média*, Coimbra, Faculdade de Letras/Ed. Colibri, 1999.

¹⁰ Referência bibliográfica completa: Tradução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga; Estudo introdutório, comentários e notas de João Gouveia Monteiro; prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Edição bilingue, Imprensa da Universidade de Coimbra, Maio 2009. 532 p. ISBN: 978-989-8074-87-4.

Permita-se-me que saliente um dado curioso, nem sempre considerado. É que se chegou ao ponto de verificar, aqui, em relação a vários dos manuscritos, quem poderia ter sido o seu proprietário, referindo-se inclusive as anotações que à margem constavam.

Dois apartes gostaria aqui de introduzir: nesse caminho estamos, na Arqueologia, em relação a obras que constam do espólio bibliográfico de autores de finais do século XIX, inícios do XX, como é o caso de Leite de Vasconcelos. Anotações deveras sintomáticas, a maior parte das vezes, pelo que manifestam da reflexão que o leitor teve, no momento da leitura. O outro aparte é pessoal e, confesso, só muito recentemente me apercebi dessa importância. Vai para vinte anos, um amigo médico emprestou-me a tese de doutoramento de António Bracinha Vieira sobre Etologia¹¹, ainda então polícopiada e recomendou-me: «Não se preocupe! Sublinhe, anote, deixe à margem a sua opinião! Porque, assim, quando eu voltar a ler, fico também a saber o que para si foi interessante!».

Um contributo, por consequência, assaz eloquente, sublinha-se, no âmbito da História da Cultura, modelar para outras obras: quem lia, porque lia, quem citava e em que circunstâncias... Portanto, a primeira grande dificuldade residia em saber, perante tão vasto leque de edições e traduções, qual seria a mais fiel. Como identificá-la?

Explicita João Gouveia Monteiro a investigação que fez nesse sentido e foi, sem dúvida, a melhor a opção tomada: a versão fixada, em 2004, com acompanhamento de Sir Peter Russell a cuja memória dedicou o livro, pois Sir Peter Russell faleceu, a 22 de Junho de 2006, com a propecta idade de 92 anos.

E se também o exército romano pode considerar-se espelho das conjunturas, João Gouveia Monteiro inicia o seu Estudo Introdutório precisamente com o estudo do exército do ponto de vista militar. E aí evoca toda a documentação a que sobre o tema pôde recorrer:

- os documentos epigráficos (diplomas militares, as estelas funerárias que, aqui e além, na decoração e no texto aduzem informação singular).
- a análise do notável monumento de Adamclisi, o *Trophaeum Traiani*, comemorativo da vitória de Trajano sobre os Dácios, que frequentemente eu próprio apresento como exemplo curioso de monumento restaurado pelo governo romeno de Ceaucescu, comemorativo... da derrota do seu povo! Tanto a reconstituição como o museu que lhe fica próximo são, desse ponto de vista da história militar, a pôr em paralelo – e João Gouveia Monteiro fá-lo – com a coluna de Trajano, no fórum de Roma.

¹¹ *Etologia e Ciências Humanas*, Lisboa, 1983.

E não podia faltar, na verdade, uma alusão ao acampamento de Bu Njem (actual Chosol), sito nos confins do deserto da Líbia, ao sul da Tripolitânia. Tive ensejo de ouvir da boca do seu escavador, René Rebuffat, em princípios de 1978, o entusiasmo com que os trabalhos arqueológicos ali decorreram, porque encontraram, por exemplo, as lápides das quatro entradas, a explicitar que ali chegara, àquele *castrum Cholaiae*, a *vexillatio legionis III piae vitricis*, nas calendas de Fevereiro de 201 (eram cônsules Muciano e Fabriano), donde acabaria por partir nas calendas de Janeiro de 205¹². E na capela do pretório lá estava a dedicatória *Genio Gholaiiae*, pela saúde dos imperadores, e o próprio decurião não quis deixar de prestar culto ao *Numen Praesens*, a divindade que detinha o lugar sob sua protecção. E as inscrições em ânforas e os inúmeros *ostraca* ali recolhidos constituem manancial ímpar, como se adivinha!...¹³

Referência há também ao majestoso monumento de Nicópolis, na Grécia, mandado edificar por Augusto na colina sobranceira à enseada de Áccio, onde se travou a decisiva batalha naval entre Octaviano e as forças de Marco António e Cleópatra. Sob a monumental inscrição consagrada a Neptuno e a Marte, foram embutidos esporões de bronze dos barcos aprisionados (*navalibus spoliis exornata*)...

E, num outro domínio, o da cultura material, alusão merece o acampamento de Haltern, cujo abundante e diversificado espólio cerâmico acabou por determinar o estabelecimento da sua classificação em tipos, de que é bem conhecida a Haltern 70, uma ânfora vinária, quiçá usada também para preparados piscícolas.

•••

É a obra – tem-se por demonstrado – dedicada ao imperador Teodósio. Não nos admiraria que o hispânico Flávio Vegécio Renato – hispânico e não espanhol, essa uma das armadilhas em que, de vez em quando, mormente a bibliografia francesa cai, escrevendo Espanha em lugar de Hispânia... – dedicasse o seu tratado a um imperador de origem hispânica também e perfilhando a mesma religião cristã. E porque se interessaria tanto Teodósio pela história da República romana? E porque se justifica um ma-

¹² *Cfr.*, por exemplo, os textos que publicou na revista *Libya Antiqua*, 9-10, 1972-1973: «Les inscriptions des portes du camp de Bu Njem» (p. 99-120), «L'arrivée des Romains à Bu Njem» (p. 121-134), «Gholaia» (p. 135-145).

¹³ «Les ostraca de Bu Njem», *Revue des Etudes Latines* 51 1973, p. 281-286. Aliás, sobre o imenso trabalho levado a efeito nesse acampamento, consulte-se a bibliografia de René Rebuffat preparada por ele próprio, in: tabbourt.perso.sfr.fr/maghreb/RebuffatRene.doc (p. 13-14) [consultado a 14-10-2010].

nual militar, nesse findar do século IV, quando tudo já estava tão diferente dos primórdios da Cidade Eterna?

É que Roma deixara, há muito, de ser o centro do Império. A Cidade Eterna era visitada já com o que poderíamos hoje designar de «guias turísticos», livrinhos que recordavam, em cada recanto, o que ali de notável se havia passado. No Ocidente, a vida activa dos nobres, digamos assim, já não tem cenário urbano, mormente após o édito de Galieno, em 261, que, *ne imperium ad optimos nobilium transferretur*, como se lê em Aurélio Vítor (37, 6), retira aos senadores os altos comandos militares. Assiste-se, pois, a partir de então, a essa espécie de primeiro renascimento clássico e pagão, de que fala Jean Gagé¹⁴: os senadores regressam à “terra” e aí se dedicam à cultura, que lhes granjeia prestígio e poder social¹⁵; por isso também, os mosaicos das *villae* hispânicas do século IV apresentam motivos da mitologia, que necessitam, porém, de legendas, pois poucos são já os que sabem identificar essas figuras mitológicas!...

Vegécio embarca, por conseguinte, nesse movimento, numa perspectiva de mostrar como antigamente se fazia (o seu é, na verdade, um autêntico manual de táctica e de estratégia!) e, conseqüentemente, como ora se deveria fazer – para não deixar o Império sucumbir! A decadência do Império e as suas causas, um tema sempre em debate!...

•••

Da tradução de José Eduardo Braga outros muito melhor que eu poderão ajuizar – mas aí temos, a esse propósito, a opinião abalizada da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, que assina o prefácio. Dir-se-á, todavia, que a apresentação do original latino (à esquerda) e da respectiva tradução (na página da direita) constitui um excepcional documento para resolução de dúvidas. Acresce o volumoso número de notas que superiormente a enriquecem. Aqui – como já acontecia no estudo introdutório – houve uma compreensível opção gráfica: a remessa da totalidade dessas notas para o final; para o leitor, que se me perdoe o parecer, não é, todavia, nada cómodo.

Já se percebeu, portanto, que estamos perante *opus magnum*, resultado de vários anos de aturada investigação. Um livro para ler e para consultar. Tem o já referido Estudo Introdutório, em duas partes, uma sobre o exército romano em geral (como se disse) e outra sobre o autor e a obra

¹⁴ Jean GAGÉ, *Les Classes Sociales dans l'Empire Romain*, Paris, 1964, p. 250 e 262.

¹⁵ Um prenúncio do que serão, em Portugal, nos primórdios do século XVII, as «cortes na aldeia», a que se refere Francisco Rodrigues Lobo, na obra que tem justamente esse título, publicada em 1619, quando Portugal se encontrava sob dominação filipina e os nobres se haviam refugiado, por isso, nas suas propriedades rurais.

(escalpelizados em todos os pormenores); explicita-se como se procedeu à edição; e vem depois, anotada, a versão bilingue. Três preciosos anexos (também eles com notas!) completam a edição: um índice temático, uma sempre útil tábuca cronológica, a bibliografia e um mapa do Império ao tempo de Trajano. Sobre a bibliografia, muito actualizada, aplaudo o ter-se resistido à tentação de pôr em sigla o primeiro nome dos autores, prática que repudio e que pode induzir em erros (como é o caso, aqui, de Patrick Le Roux vir como Pierre!...).

Escolheram os autores para antecâmara, digamos assim, deste palácio bem mobilado de informação e de ciência (trata-se, é verdade, de um livro que, além do mais, é bonito e de mui fácil consulta!), um texto de Marguerite Yourcenar, em epígrafe, que põe na boca do imperador Adriano uma frase deveras sintomática: «Adaptar-me-ia muito mal a um mundo sem livros», embora eles não contenham toda a realidade; neste caso, em relação à arte militar romana, eu quase ousaria afirmar que, se aqui não está toda, muito pouco haverá por faltar.

E não posso eu próprio deixar de evocar também essa autora, que soube dar-nos da História uma versão romanceada, é certo, mas com muitos laivos de fidelidade... Imagino-a sentada no sofá da sala de Lídia Storoni Mazzolani, diante do mausoléu de Adriano, o Castelo de Sant'Angelo, onde também, em Setembro de 1997, tive o privilégio de me sentar. Marguerite reescreveu parte da história de Roma;¹⁶ Lídia Mazzolani criou histórias a partir de singelas e lapidares inscrições;¹⁷ João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga vieram dizer-nos que, afinal, também o exercício da guerra pode ser uma arte: a arte militar!

Recibido: 17 diciembre 2010

Aprobado: 13 enero 2011

¹⁶ *As Memórias de Adriano* são, não há dúvida, o seu trabalho mais paradigmático. Há, por exemplo, uma edição portuguesa levada a efeito pela Editora Ulisseia, Lisboa, 1960, em tradução de Maria Lamas, com o título *A Vida Apaixonante de Adriano*.

¹⁷ Bem sugestivo e poético o seu *Iscrizioni Funerarie Romane*, BUR Biblioteca Universale Rizzoli, Milão, 1991, sobre que tive oportunidade de fazer ampla revisão crítica (in *Conimbriga* 31 1992 p. 197-199, que reproduzi, com alterações, no livro *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, p. 131-134). Por exemplo, em *Una Moglie* (1982) conta, a partir de uma epígrafe, a vida de uma mulher romana. A autora faleceu a 12 de Setembro de 2006.